

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Lorena Mayorga Borges

## **FAMÍLIA E ESCOLA: UM DIÁLOGO SOBRE EDUCAR**

BELO HORIZONTE  
2015.

Maria Lorena Mayorga Borges

## **FAMÍLIA E ESCOLA: UM DIÁLOGO SOBRE EDUCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos De Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais E De Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Professor Doutor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

BELO HORIZONTE  
2015.

Maria Lorena Mayorga Borges

## **FAMÍLIA E ESCOLA: UM DIÁLOGO SOBRE EDUCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos De Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais E De Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Professor Doutor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Aprovado em 9 de maio de 2015.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Doutor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira –  
Faculdade de Educação da UFMG

---

Luciana Maria de Souza - Programa de Pós graduação em Psicologia da  
FAFICH/Conexão de Saberes

BELO HORIZONTE  
2015.

## Agradecimentos

Ao Jorge, resumo e potência de todo amor do mundo,  
Ao Índio, pela parceria, incentivo e companheirismo,  
Aos colegas de curso, pela solidariedade,  
Ao Professor Paulo, pela paciência e compreensão.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. PROBLEMA .....</b>	<b>8</b>
<b>3. OBJETO .....</b>	<b>12</b>
<b>4. OBJETIVOS .....</b>	<b>12</b>
<b>4.1. OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>12</b>
<b>4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>12</b>
<b>5. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>13</b>
<b>6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>18</b>
<b>7. INDICAÇÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>19</b>
<b>8. AÇÕES PROPOSTAS .....</b>	<b>20</b>
<b>9. CRONOGRAMA .....</b>	<b>21</b>
<b>10. INDICADORES DE AVALIAÇÃO DAS AÇÕES .....</b>	<b>21</b>
<b>10.1 AS RODAS DE CONVERSAS COM OS FAMILIARES .....</b>	<b>21</b>
<b>10.1.1. PRIMEIRA RODA DE CONVERSA .....</b>	<b>21</b>
<b>10.1.1.1. FICHA DE PLANEJAMENTO/REGISTRO DA OFICINA.....</b>	<b>21</b>
<b>10.1.1.2. OBJETIVO(S) DO ENCONTRO/OFFICINA.....</b>	<b>22</b>
<b>10.1.1.3. ATIVIDADES .....</b>	<b>22</b>
<b>10.1.1.4. MATERIAL NECESSÁRIO .....</b>	<b>22</b>
<b>10.1.1.5. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE.....</b>	<b>24</b>
<b>10.1.1.6. AVALIAÇÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>10.1. 2. SEGUNDA RODA DE CONVERSA .....</b>	<b>24</b>
<b>10.1.2.1. FICHA DE PLANEJAMENTO/REGISTRO DA OFICINA.....</b>	<b>24</b>
<b>10.1.2.2. OBJETIVO(S) DO ENCONTRO/OFFICINA.....</b>	<b>25</b>
<b>10.1.2.3. ATIVIDADES .....</b>	

10.1.2.4. MATERIAL NECESSÁRIO .....	26
10.1.2.5. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE.....	26
10.1.1.6. AVALIAÇÃO .....	28
10.1. 3. TERCEIRA RODA DE CONVERSA .....	28
10.1.3.1. FICHA DE PLANEJAMENTO/REGISTRO DA OFICINA.....	28
10.1.3.2. OBJETIVO(S) DO ENCONTRO/OFICINA.....	29
10.1.3.3. ATIVIDADES .....	29
10.1.3.4. MATERIAL NECESSÁRIO .....	29
10.1.3.5. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE.....	30
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
12. ANEXOS .....	34
FIGURA 1 .....	34
FIGURA 2 .....	35
FIGURA 3 .....	36
13. REFERÊNCIAS .....	37

## 2. INTRODUÇÃO

A questão que se anuncia nessa monografia surge de minha inserção na Educação Básica quando me deparei, como professora, com uma relação família-escola com muitas dificuldades por parte de ambas as instituições de ser verem como parceiras e aliadas na educação das crianças e jovens.

Os pais não se viam – e não eram vistos - representados na escola, era como se aquela instituição fosse estranha e não os acolhesse em suas demandas, nem as seus filhos como educandos. Os professores também não se sentiam a vontade com as famílias e as viam como distantes e não implicadas na educação dos filhos. O que, de fato, estabelece um diálogo de surdos entre as duas instituições e que possui implicações diretas não apenas na forma como se dá a escolarização dos filhos/alunos, mas também traz implicações na socialização desses jovens devido o tempo demasiado longo em que a escolarização acontece. Os filhos/alunos passam muito tempo na escola, muitos anos, muitos dias, muitas horas, o que pode provocar e avalizar, em um contexto de pouca interação dialógica, uma relação de distanciamento que pode vir a repercutir negativamente no desempenho escolar e mais ainda na autoimagem dessas crianças e jovens, assim como no pertencimento deles a sua cultura e a cultura presente e dispersa no entorno da escola em que vivem.

Essas preocupações se materializam de forma bastante persuasiva nos comentários de alunos e professores acerca da escola e da pouca implicação de ambos em desbaratar esse paradoxo fundeado na necessidade imperiosa das famílias e escolas tecerem uma relação de parceria frente às barreiras construídas entre ambas e que as distanciam ao provocar um estranhamento. Indisciplina, violência, abandono escolar por parte dos alunos; ausência dos pais das reuniões escolares ou de uma participação mais amíúde no cotidiano; professores insatisfeitos no trabalho e pouco mobilizados a enfrentarem os desafios da educação e transferindo para a família o baixo rendimento escolar dos alunos são alguns dos fenômenos que anunciam essas dificuldades na aproximação da família com a escola.

Assim, sensibilizada por esse quadro, resolvi me deter sobre essas questões e, através desse trabalho de intervenção, promover um encontro entre família e escola com o intuito de diminuir distâncias e motivar novos valores nessa relação.

## 2. PROBLEMA

A Escola Senador Levindo Coelho faz parte da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Está localizada no Bairro Serra / Regional Centro Sul, e atende, em sua grande maioria, alunos e alunas moradores das Vilas do Aglomerado da Serra, em especial aos da Vila Marçola. A escola oferece as modalidades de Ensino Fundamental Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e tem vinculada a Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Padre Tarcísio.

A escola funciona em três turnos: manhã, tarde (Ensino Fundamental) e noite (Educação de Jovens e Adultos - EJA). Atende um universo de 1400 estudantes, aproximadamente, e isso traz algumas especificidades, dependendo da faixa etária atendida. Cada turno, entretanto, comporta-se como se fosse uma escola diferente, como se existissem 03 escolas diferentes. Sendo assim, os desafios e potencialidades em cada turno são também muito específicos:

- No turno da manhã, em que estudam alunos e alunas de 10 a 14 anos, os desafios estão mais centrados nas questões de convivência, nas relações professores/estudantes, no envolvimento dos profissionais;
- No turno da tarde, em que estudam as crianças de 06 a 10 anos, as questões estão mais relacionadas às dificuldades de aprendizagem, ao relacionamento com as famílias, e às diferenças geracionais;
- No turno da noite, em que estudam jovens e adultos a partir de 15 anos, as questões vão desde a convivência entre o adulto/jovem trabalhador e professores e o/a jovem que recusa a sala de aula, utilizando o espaço para interação social. São frequentes os casos de depredações, pichações, uso de drogas, e o clima é mais tenso do que nos outros turnos. Os professores demonstram receio, os/as estudantes que querem estudar ficam prejudicados por badernas, uso de celular, música, etc.

A escola fica próxima do Espaço Criança Esperança, do Centro de Saúde Nossa Senhora de Fátima, do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Vila Marçola, do Centro Cultural Vila Marçola, e fica situada fora do aglomerado, no limite entre o bairro e as vilas. Acredito que a escola é reconhecida e valorizada pela comunidade também como uma referência para encontro de lideranças e utilização do espaço em eventos não escolares. Oferece o Programa Escola Aberta, em que



algumas oficinas são ofertadas aos finais de semana, em que a escola se abre para a comunidade, não necessariamente alunos e alunas.

Desde o ano de 2012 participo da gestão da escola, primeiramente como vice-diretora, tendo sido eleita, juntamente com o diretor, para a gestão no triênio 2012/2013/2014, e agora como diretora, eleita pela comunidade escolar para o triênio 2015/2016/2017. Assim, meu olhar sobre a escola é permeado por este lugar institucional, que entra em contato direto com todos os atores do universo escolar, bem como com situações das mais diversas, pertinentes ou não ao fazer pedagógico. O cotidiano da escola é extremamente dinâmico, por vezes conturbado. A meu ver, a gestão escolar e pedagógica é frequentemente “atropelada” por questões administrativas e financeiras. As demandas são múltiplas, e a sensação é a do constante “apagar de incêndios”, em que o urgente se sobrepõe ao importante. Nesse sentido, nem sempre é possível dar continuidade aos processos de reflexão/ação, tão importantes na busca pela melhoria da qualidade de ensino, para a melhoria do clima escolar e para um melhor atendimento aos estudantes e suas famílias.

A escola vem, desde 2009, buscando construir, conjuntamente com professores, funcionários, familiares e alunos espaços de diálogo, debate e promoção de cidadania, através de projetos diversos. A ideia original é de que a partir desse trabalho fossem criados o Grêmio Estudantil e uma Associação de Pais, ainda em processo de implementação, e passando continuamente por momentos de maior ou menor atividade. A partir dessas ações, que compreenderam rodas de conversa e oficinas, além de atividades ocorridas fora do ambiente escolar, foi possível identificar riquezas e possibilidades de interação positiva entre os diversos atores. Observa-se, desde então, uma mudança significativa nas relações, na medida em que o diálogo foi adotado como forma de resolução de conflitos.

Outra ação que teve impacto no cotidiano escolar foi o remanejamento de profissionais na escola na busca de melhor adequar o perfil pedagógico à realidade das experiências escolares. Essas mudanças trouxeram um impacto positivo no clima escolar como, por exemplo, a relação dos estudantes do 3º Ciclo com a Coordenação Pedagógica e equipe de professores e professoras. O “Ciclo da Adolescência” é frequentemente um foco de grandes tensões nas escolas, onde vemos relatos constantes de agressões físicas e verbais, falta de interesse e motivação para os estudos, enfrentamento a professores, etc. Na EMSLC isso não foi diferente. No entanto, observamos uma melhora significativa nas relações a partir das ações

descritas acima, num movimento constante de diálogo e interação com os estudantes e suas famílias, na adoção de uma postura acolhedora e receptiva às questões trazidas pelos estudantes, bem como no conhecimento e compreensão da realidade em que estes vivem, o que resultou em uma grande redução dos episódios de violência. Os jovens que atualmente estão no 3º Ciclo tem um histórico de participação em projetos diversos que se debruçaram sobre os temas de juventude e educação no contexto escolar, com especial atenção a questões relacionadas ao contexto dos jovens de periferia, questões raciais, geracionais, diversidade de gênero e sexual. O mais recente, o Projeto Integrado de Prevenção e Atendimento a Situações de Conflito e Violência na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, tinha como objetivo principal desenvolver uma Rede Institucional de mediação de situações conflitivas e prevenção de violência nas unidades escolares da RME/BH, especialmente as de 3º ciclo, de modo a garantir as condições adequadas para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, mas foi interrompido pela própria Secretaria de Educação antes que as atividades fossem concluídas. Contudo, a escola se apropriou do projeto e deu continuidade as atividades, por iniciativa dos próprios estudantes, pois o grupo já avançava nas ações de identificar e classificar as situações conflitivas e violentas ocorridas na escola, em especial aquelas que causam prejuízos ao desempenho profissional e pedagógico dos integrantes da unidade, e na construção de uma equipe de Mediadores de Conflitos dedicada à criação de uma rede de discussão e reflexão sobre as tensões e situações de violência, buscando formas dialógicas de resolução dos conflitos.

É possível observar e identificar situações de violência, aqui entendida em um sentido mais amplo, estendendo a noção para além do aspecto físico (armas em geral, depredações, ferimentos, abuso sexual, brigas, etc.). Assim, a violência pode ser observada também em seus aspectos simbólicos (racismo, machismo, homofobia, conteúdos destituídos de interesse, autoritarismo) e verbais (xingamentos, palavrões, etc.) e não tem apenas os estudantes como protagonistas, ou 'autores'. Muitas vezes são os próprios professores os 'causadores' do problema. Essa violência é, a meu ver, pautada em noções de hierarquia, de que o aluno é inferior ao professor, de que aquele aluno é pobre e sem cultura, de que sua origem determina a forma como deverá ser tratado e limita a qualidade do ensino que pode ser oferecida a ele. Esta constatação é extremamente perturbadora, e pode ter origem na dificuldade em reconhecer e valorizar os espaços populares da cidade e os sujeitos que neles vivem, arraigada nos conceitos da favela como o lugar da pobreza, da carência e da violência, e em um enorme

distanciamento cultural. Considero importante destacar que a escola, situada na regional Centro-Sul da cidade, conta com professores moradores dessa mesma região, oriundos de bairros ditos de classe média / classe média alta, com trajetórias distintas das dos moradores da periferia em relação ao acesso à cidade, às oportunidades de formação e qualificação, à cultura e a vivências diversas.

A partir de dificuldades enfrentadas na escola, relatadas pela direção, coordenação pedagógica e professores, observou-se que:

- A Escola é considerada pelos alunos/as como um lugar de grande interesse, sem que isso se traduza em concomitante interesse pela sala de aula;
- Existem dificuldades dos professores/as em lidar com alunos/as que vivem na periferia, com vivências culturais distintas e marcadas por situações de exclusão;
- A sexualidade dos/as jovens se constitui com um problema central a ser enfrentado por essa Instituição;
- Situações de violência – entre estudantes, e entre estudantes e professores – são preocupação constantes no cotidiano da escola, presente no discurso dos professores.

A partir dessas observações, foi possível identificar algumas representações que orientam práticas concretas e/ou interações entre os atores do espaço escola. Mapear algumas dessas representações propiciou a compreensão de elementos até então invisíveis, tomados como naturais pelos atores no campo das relações cotidianas, tais como:

- Naturalização de experiências do jovem da periferia que leva a uma compreensão deles como agressivos, desinteressados, sem cultura, incapazes de aprender, marcados pela carência;
- Naturalização da concepção da favela como espaço exclusivamente negativo, marcado por situações de violência extrema, dominado pelo movimento do tráfico de drogas, lugar de carência e ausência, de lixo, de promiscuidade e sem perspectivas;
- Família sendo considerada como não participativa, desinteressada e desestruturada;

- Percepção de uma vivência precoce e exacerbada da sexualidade.

### **3. OBJETO**

A relação família-escola como elo passível de azeitar parceria e atuar na melhoria do ambiente escolar e no convívio entre os alunos.

### **4. OBJETIVOS**

#### **4.1. Objetivo Geral**

Propiciar junto aos pais dos alunos das últimas turmas do segundo ciclo e terceiro ciclo da Escola Municipal Senador Levindo Coelho espaços de diálogo ao mobilizar a comunidade escolar para a participação no cotidiano da escola e, assim, reverter um quadro de distanciamento entre família e escola.

#### **4.2. Objetivos Específicos:**

Promover encontros com pais para fazer conhecer a ambas as instituições os aspectos conflitivos da relação entre escola e família;

Fortalecer os valores comunitários presentes no Aglomerado da Serra, principalmente naquelas famílias do entorno da escola, para aproximar os moradores da escola;

Sensibilizar os professores e funcionários da escola sobre a importância de relações mais horizontais da escola para com a família na promoção de um diálogo mais respeitoso e construtivo entre pais e profissionais da educação;

Elaborar uma proposta de ações continuadas com as famílias dos/as estudantes, que favoreçam a gestão democrática e propiciem a participação das famílias na vida escolar dos/as estudantes.

## 5. JUSTIFICATIVA

O 3º Ciclo de Idade de Formação foi implantado na EMSLC no ano de 2006. A escola, que desde a sua fundação atendia aos anos iniciais de escolarização, viu seu cotidiano ser *invadido* por pré-adolescentes e adolescentes, que trouxeram toda uma carga de conflitos e tensões, a primeira delas resultante do descontentamento da equipe de professoras (apenas mulheres compunham o quadro docente) em perder turmas, em perder espaço para outros profissionais, em aceitar adolescentes “baderneiros e sem limites”. O descontentamento se estendia à equipe de professores que chegou no ano de 2007, da qual faço parte, o que gerou excedência de cargos, e se estabeleceu um clima de rivalidade, de disputa, numa polarização entre 2º Ciclo x 3º Ciclo. A direção da escola, de certa forma, legitimava esta polarização ao valorizar e reconhecer apenas as professoras antigas, adotando atitudes autoritárias e desprezando o diálogo na resolução dos conflitos. Todas as ações realizadas com os adolescentes eram versões das ações realizadas com as crianças, sem que as especificidades da faixa etária ou a subjetividades dos estudantes fosse considerada. Naquele momento, as questões relacionadas à convivência eram extremamente preocupantes, e vivenciávamos um clima constante de tensão, visto que episódios de violência eram frequentes, assim como o de depredações, pichações, agressões físicas e verbais entre estudantes e entre estudantes e professores.

No ano de 2009 assumi a função de Coordenadora Pedagógica do 3º Ciclo do turno da manhã. Naquele momento, a equipe de professores/as passava por um processo de afirmação e necessitava de uma melhor organização, implementação de processos e a consolidação de uma proposta pedagógica que atendesse às especificidades dos estudantes. Ao assumir a função, porém, encontrei grandes dificuldades no trabalho, principalmente junto à equipe de professores, que possuía características conservadoras, arraigadas em um currículo tradicional e voltado para o desempenho, e que não levava em consideração os sujeitos aos quais se destinava este currículo. Presenciei inúmeros episódios de agressões verbais e de violência simbólica praticadas por professores em relação aos estudantes, todos “justificados” pelas questões de hierarquia, de *inferioridade* dos estudantes, pela sua *ausência de moral e de cultura*, pela condição familiar diversa, pela subalternidade imposta, pela crença de que aqueles estudantes não eram senão *projetos de marginais* (todas as palavras ressaltadas reproduzem o discurso de alguns professores). E dava-se uma enorme contradição: aquele mesmo professor que se dirigia aos alunos usando

palavras como *periguete*, *veadinho*, que utilizava palavrões, gritos e atirava objetos exigia respeito e indignava-se com as atitudes de violência dos estudantes, cobrava providências da escola, e terminava por afirmar que “antigamente a escola não recebia esse tipo de estudante, e que aquele era o tempo em que o professor podia trabalhar em paz”. O desrespeito aos estudantes se explicitava não apenas nas atitudes de violência, mas na própria postura em relação ao descumprimento do horário de trabalho, na falta de planejamento para as aulas, na invisibilização dos estudantes como sujeitos.

A partir destas inquietações, e sem perceber um movimento da direção da escola para intervir nestes processos, optei por me aproximar das famílias dos estudantes, com a intenção de buscar parceria na cobrança por melhorias na escola, e por melhor entender os porquês da ausência de reação, da passividade da comunidade escolar em relação às situações acima descritas. Desde esse momento, então, foi surgindo um embrião desta proposta de intervenção, que vem até hoje pautando muitas das minhas ações no contexto escolar.

Assim, a proposta aqui apresentada parte dos seguintes contextos:

1) vem atender a uma demanda da direção e coordenação da Escola Municipal Senador Levindo Coelho;

Em junho de 2014 houve um encontro com a direção e coordenação pedagógica do 2º e 3º Ciclos da Escola Municipal Senador Levindo Coelho, onde foi apresentada uma demanda de intervenção junto aos diversos atores presentes na instituição. Alguns aspectos foram destacados: o fato de a escola ser, para os estudantes, um espaço de grande importância e relevância, mas sem que isso se traduza em interesse no espaço da sala de aula e nos conteúdos ensinados; identificação de dificuldades que muitos professores possuem para lidar com alunos que vem de contexto de periferia, com vivências culturais distintas e marcadas por situações de exclusão; a centralidade do tema da sexualidade para os jovens, tema que muitas vezes os professores e a escola têm dificuldade em lidar; a “invisibilização” da família, considerada como desestruturada e desinteressada.

2) é uma proposta de intervenção curricular do Curso de Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica, na Área De Concentração: PROCESSOS DE DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO.

Esta proposta está vinculada Curso de Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica, na Área De Concentração: PROCESSOS DE DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO.

Esta proposta também se insere no debate nacional mais amplo acerca da juventude e escola pública. Muitos estudos tem se dedicado a compreender a relação dos jovens com a escola, reconhecendo que essa é uma instituição de grande importância para a construção e desenvolvimento da cidadania. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE)<sup>1</sup> os diversos grupos participantes do espaço escolar (diretores, professores, funcionários, alunos e pais/mães) apresentam atitudes, crenças e valores percebidos que indicam que o preconceito é uma realidade nas escolas públicas brasileiras nas sete áreas temáticas de discriminação pesquisadas (étnico-racial, de deficiência, de gênero, geracional, socioeconômica, territorial e de identidade de gênero), sendo que a área temática que apresentou os maiores valores para o índice percentual de concordância com as atitudes discriminatórias foi a que expressa a discriminação em relação a gênero (38,2%), seguida pelas áreas referentes à discriminação geracional (37,9%), em relação à deficiência (32,4%), à identidade de gênero (26,1%), à socioeconômica (25,1%), à étnico-racial (22,9%) e à territorial (20,6%). A pesquisa aponta como a discriminação e o preconceito resultam em humilhação, agressão e acusações injustas dirigidas a pessoas simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico e, que estas práticas discriminatórias tem como principais vítimas os alunos e alunas, especialmente as negras e os negros, os (as) pobres e os (as) homossexuais, com médias de 19%, 18% e 17% respectivamente para o índice percentual de conhecimento de situações de bullying nas escolas entre os respondentes da pesquisa. Comparando as médias e os índices das atitudes e dos valores preconceituosos observou-se que as escolas que apresentaram os maiores índices de atitudes e valores preconceituosos foram as que obtiveram as menores médias na Prova Brasil 2007 indicando uma inter-relação entre a vivência de preconceitos e o prejuízo no desempenho escolar dos alunos.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) do MEC que teve como objetivo analisar a incidência e intensidade de preconceito e discriminação nas escolas públicas, com fins a mapear um quadro que sirva de linha de base para a avaliação de ações que possibilite a formulação de políticas e estratégias que promovam a redução das desigualdades em termos de resultados educacionais, o respeito e a própria educação para a diversidade nas escolas públicas brasileiras.

Outro ponto recorrente quando falamos em juventude, se refere à violência. A UNESCO lançou em 2003 uma pesquisa realizada em 13 capitais brasileiras, envolvendo milhares de participantes de diversas comunidades escolares públicas e privadas a fim de fomentar dados que propiciem um olhar mais amplo sobre a questão. Nesta pesquisa, as autoras Abramovay e Rua (2003) assinalam mudanças importantes ao longo do tempo na maneira como o problema é tratado. Desde os primeiros estudos na década de 1950, nos EUA, o foco do problema da violência tem alterado sobremaneira. Nos primeiros estudos, a violência era tomada como questão de indisciplina. Mais tarde enfocavam a violência como uma questão de delinquência juvenil e comportamento antissocial. Hoje, porém, vemos uma mudança de perspectiva, sendo a violência percebida de modo mais amplo, expressando perspectivas variadas, como o da exclusão social, por exemplo. Duas principais mudanças podem ser apontadas na forma como a violência nas escolas é atualmente tratada. A primeira se refere à mudança no foco apontado como o possível causador do problema. Desde muito tempo, e ainda muito em voga, é a questão recair sobre os jovens, sendo o assunto tratado como violência juvenil. Diversamente, o esforço deve se pautar em uma abordagem que compreenda a escola como um sistema relacional complexo, composto de inúmeros atores sociais, a saber: alunos, direção, pais, funcionários e comunidade do entorno. Ademais, o enfoque deve ser tanto comportamental (informação, sociabilidade, opiniões), como institucional (escola e família) e social (sexo, cor da pele, emprego, origem socioespacial, religião, status socioeconômico).

O outro ponto de transformação na abordagem da questão é no sentido de ampliar o conceito de violência, estendendo a noção para além do aspecto físico (armas em geral, depredações, ferimentos, abuso sexual, brigas, etc.). Assim, a violência deve ser abordada também em seus aspectos simbólicos (racismo, machismo, homofobia, conteúdos destituídos de interesse, autoritarismo) e verbais (xingamentos, palavrões, etc.). Ao mesmo tempo, sabe-se que a percepção social das crianças, adolescentes e jovens como sujeitos de direitos é um processo que tem se desenvolvido no Brasil desde a década de 1970, quando diversas práticas de atendimento a esses grupos sociais começam a ser alvos de críticas por parte da opinião pública e dos organismos internacionais de proteção aos direitos humanos. De problemas sociais a sujeitos de direitos, esses grupos passam a ser respaldados por diversos ordenamentos jurídicos que visam valorizar seus direitos, realizar suas potencialidades e garantir sua proteção. Como os mais emblemáticos, vale ressaltar a eleição pela ONU – Organização das Nações Unidas do ano de 1979 como o Ano



Internacional da Criança, a Constituição Federal de 1988 e a promulgação do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990. Materializam-se, portanto, dispositivos que visam garantir os direitos básicos à vivência da cidadania por crianças, adolescentes e jovens na sociedade brasileira. Apesar dos investimentos sociais e dos próprios segmentos juvenis na educação formal, Spósito (2005) aponta o processo de crise das instituições vivenciado pela escola, uma vez que ela não tem, por razões diversas, conseguido cumprir sua função de transmissão cultural. Como resultado dessa crise, a escola passa a ser interrogada quanto às suas funções que extrapolem a transmissão de conhecimento, sendo essa discussão mais relevante para os jovens/adolescentes que demandam à escola espaços para o desdobramento da subjetividade juvenil. Observa-se que para esses segmentos, cerca de 17,9 % dos jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos não frequentam a escola (CASTRO E AQUINO, 2008). Como um dos principais fatores que podem explicar o abandono à escola, por parte de adolescentes e jovens, está a baixa qualidade do ensino oferecido que não tem sido capaz de atrair o interesse do aluno para a escola (CACCIAMALI E BRAGA, 2003).

Em todos esses estudos e outros, recomendações para uma discussão aprofundada sobre o tema da juventude nas escolas são propostas e é possível destacar duas delas, propostas das quais também compartilho: o investimento continuado na adoção de posturas em favor de uma cultura de paz nas escolas, com ênfase no respeito ao outro, no reconhecimento da diversidade, no trabalho em conjunto (alunos, corpo técnico, membros da escola e a comunidade em torno da instituição escolar) tendo como princípio um projeto ético de defesa da justiça social combatendo uma visão individualista e descomprometida socialmente.

O desenvolvimento de parcerias entre a escola e outras instituições, em particular no nível da comunidade como associações de moradores, pastorais e agências do Estado e da sociedade civil para planejamento de programas e projetos de participação dos jovens em atividades diversas que possam ser promotoras de cidadania. No entanto, ainda percebe-se uma falta de diálogo entre os atores envolvidos no ambiente escolar, o que acaba por dificultar a construção da escola como espaço de exercício de cidadania e participação dos alunos.

## 6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As atividades propostas foram feitas à luz de uma reflexão sobre um dos princípios que devem reger o ensino, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96, (LDB, art. 14), que é o da gestão democrática: o que garante – ou deveria garantir: a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. A concepção de gestão democrática é aqui entendida a partir da análise e observação do Plano Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares (PNFCE), publicado pelo Ministério da Educação, mais especificamente os cadernos de Nº 1 - Conselhos Escolares: Democratização da escola e construção da cidadania, e de Nº 5 – Conselho Escolar, gestão democrática da educação e escolha de diretor, e concebida como processo político-pedagógico. De acordo com o PNFCE, neste processo as ações acontecem de forma contínua e compartilhada entre os diversos atores da comunidade escolar (pais, professores, funcionários, estudantes, comunidade local), de forma coletiva na discussão e nas tomadas de decisão de forma que estejam de acordo com os anseios, tanto da comunidade local como da comunidade escolar, uma vez que as mesmas, na visão do Programa, são as principais responsáveis pela gestão da escola. A gestão democrática pode ser entendida como "[...] a garantia de mecanismos e condições para que espaços de participação, compartilhamento e descentralização de poder ocorram" (Brasil, 2004, p. 22). O PNFCE considera a gestão democrática um espaço de exercício contínuo e cotidiano de construção das várias formas de participação, por meio da mobilização e do envolvimento de todos. Pensar uma gestão democrática significa pensar em estratégias, formas de agir e pensar na/a escola pública que possibilitem o diálogo, o debate e a promoção da cidadania, e a construção de processos coletivos de participação e tomadas de decisão. "Trata-se de uma maneira de organizar o funcionamento da escola pública quanto aos aspectos políticos, administrativos, financeiros, tecnológicos, culturais, artísticos e pedagógicos, com a finalidade de dar transparência às suas ações e atos e possibilitar à comunidade escolar e local a aquisição de conhecimentos, saberes, ideias e sonhos, num processo de aprender, inventar, criar, dialogar, construir, transformar e ensinar. (BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Gestão da educação escolar. Brasília: UnB/CEAD, 2004). A participação da comunidade no processo educacional é aqui entendida como

fundamental para o fortalecimento das relações entre a escola e a comunidade, o que pode contribuir no alcance dos objetivos educacionais propostos, bem como para a melhoria da qualidade de ensino. Na prática, sabemos que incluir os diversos atores nesses processos exige mudanças de paradigmas, além de esforço e dedicação seja no âmbito local, seja no âmbito das discussões e proposições políticas e, no caso da comunidade escolar em questão, exige especial atenção a questões relacionadas ao contexto dos jovens de periferia, questões raciais, geracionais, de gênero e diversidade sexual.

## **7. INDICAÇÕES METODOLÓGICAS**

Em junho de 2014 houve um encontro com a direção e coordenação pedagógica do 2º e 3º Ciclos da Escola Municipal Senador Levindo Coelho, onde foi apresentada uma demanda de intervenção junto aos diversos atores presentes na instituição. Alguns aspectos foram destacados: o fato de a escola ser, para os estudantes, um espaço de grande importância e relevância, mas sem que isso se traduza em interesse no espaço da sala de aula e nos conteúdos ensinados; identificação de dificuldades que muitos professores possuem para lidar com alunos que vem de contexto de periferia, com vivências culturais distintas e marcadas por situações de exclusão; a centralidade do tema da sexualidade para os jovens, tema que muitas vezes os professores e a escola têm dificuldade em lidar; a “invisibilização” da família, considerada como desestruturada e desinteressada. A partir desta conversa, foi feita uma apresentação da proposta de se realizar Rodas de Conversas com os familiares dos estudantes ao coletivo para sensibilização e adesão à proposta. Essa apresentação se deu de forma segmentada, em função da dificuldade de se reunir toda a equipe do turno de professores do turno da manhã em um mesmo momento, pois, para que os professores se reúnam, é necessária uma logística de organização com os alunos, que precisam ter sua carga horária garantida e não podem ser dispensados. Os professores, de um modo geral, entenderam a proposta como uma imposição da direção da escola, ao mesmo tempo em que demonstraram interesse em que a mesma fosse realizada, desde que isto não implicasse aumento da demanda de trabalho para os professores. Pôde ser observado um movimento de “braços cruzados”, no sentido de que o grupo acatou a proposta, mas não se mostrou implicado em sua realização. Alguns professores demonstraram maior interesse em participar efetivamente das atividades e discussões, e se colocaram a disposição para auxiliar no planejamento, execução e avaliação do processo,

acolhendo a proposta e topando pensar juntos formas de inseri-la no planejamento das aulas.

Foram realizadas Rodas de Conversa com familiares de estudantes do 2º e 3º Ciclos do turno da manhã. Em um primeiro momento, foram convidados a participar familiares de estudantes que apresentavam frequência irregular, numa tentativa de motivar um maior acompanhamento da vida escolar dos estudantes. Para as Rodas de Conversa, contei com o auxílio da gerente do Programa Família Escola, que contribuiu com os temas das reuniões e com dinâmicas realizadas, visto que esta já é uma proposta do Programa, estabelecer uma parceria com as escolas para fomentar a aproximação família-escola.

A partir do primeiro encontro, foram escolhidas as principais temáticas que podem ser tema de trabalhos continuados dentro da escola, bem como a realização de atividades/oficinas em equipamentos situados nas Vilas do Aglomerado, no entorno da escola, para reconhecimento e valorização do território. Foram também definidos os materiais e equipamentos necessários.

## **8. AÇÕES PROPOSTAS**

Ao analisar e refletir sobre a presença e participação das famílias na escola e na vida escolar dos estudantes observamos que existe uma concepção hegemônica em relação à família, considerada como desestruturada, desinteressada, desinformada e ignorante e, na hierarquia das relações escolares, inferior. São comuns as falas de que “a família não tem moral”, “não tem cultura”, “não tem valores”, etc. A carência marca as representações que nós normalmente temos a respeito da família, assim como a que temos em relação ao espaço da favela. Logo, aquele/a estudante que vem desta família que é menos, inferior, pior, também será inferiorizado e subalternizado.

A ideia inicial era trazer as famílias para a escola, o que significaria uma maior adesão e participação nas reuniões propostas, uma vez que a Reunião de Pais constitui o principal ponto de interseção da relação entre escola e família. No entanto, este momento com frequência acaba por distanciar ainda mais as duas instituições. Nesta proposta, o investimento na construção da parceria família-escola passou pelo investimento nas reuniões de pais, constituindo-as em espaços de participação em que os pais possam sentir-se envolvidos no processo de educação dos filhos em casa e na escola. Nesse sentido, buscamos uma parceria com o Programa Família Escola da

Gerência Regional de Educação Centro Sul, que já possuía uma proposta de encontros com familiares de estudantes, com sugestões de temas que poderiam ser trabalhados com os pais/responsáveis.

## 9. CRONOGRAMA

Junho	Encontro com Direção e Coordenação Pedagógica da EMSLC: mapeamento de riquezas e dificuldades da escola.
Novembro	04/11 – 1ª Roda de Conversa. Tema: Que escola temos, que escola queremos?
	11/11 – 2ª Roda de Conversa. Tema: Jornal Comunidade Levindo.
	18/11 – 3ª Roda de Conversa. Tema: Jornal Comunidade Levindo
	29/11 – Festa da Família, lançamento e distribuição do Jornal “A Voz da Levindo”.
Dezembro	09/12 – Reunião de Avaliação do Projeto, planejamento das ações para 2015.

## 10. INDICADORES DE AVALIAÇÃO DAS AÇÕES

### 10.1. AS RODAS DE CONVERSAS COM OS FAMILIARES

#### 10.1.1. PRIMEIRA RODA DE CONVERSA

##### 10.1.1.1. FICHA DE PLANEJAMENTO/REGISTRO DA OFICINA

Encontro Nº: 01                      Data: 04 de novembro de 2014

Local (nome da escola e local da atividade): E M Senador Levindo Coelho, sala 15.

Duração do encontro - Previsto: 2h

Numero de participantes - Previstos: 120                      Presentes: 25

Ciclo/turma dos participantes: Encontro de Familiares

Tema da oficina/ encontro: Que escola temos, que escola queremos?

**10.1.1.2. Objetivo(s) do encontro/oficina:**

1. Convite aos familiares para pensar possíveis parcerias entre família e escola que saiam do modelo das reuniões meramente informativas;
2. Discussão sobre a concepção hegemônica a respeito da relação família-escola no contexto escolar;
3. Proposta da elaboração do jornal pelos familiares como canal de comunicação entre família e escola, e a partir da participação dessas famílias tanto nas reuniões de avaliação e planejamento como das reuniões gerais mensais.

**10.1.1.3. Atividades:**

- Recepção dos familiares com o lanche na cantina e espera para a chegada de demais;
- Apresentação da proposta da formação de um grupo de pais;
- Roda de Conversa sobre a concepção hegemônica das relações entre família-escola;
- Proposta da elaboração do jornal;
- Avaliação das propostas e do encontro

**10.1.1.4. Material necessário:**

Cartazes, caneta hidrocor, jornais e revistas.

Principais aspectos discutidos e trabalhados na oficina:

**10.1.1.5. Descrição da atividade**

Iniciamos o encontro trazendo a proposta de discussão sobre o que seria uma escola ideal, e sobre como a EMSLC se encaixa ou não neste perfil. Os familiares foram divididos em pequenos grupos, e convidados a fazer uma reflexão sobre pontos positivos e negativos da escola e, a partir de jornais e revistas disponibilizados, identificar imagens, palavras ou frases que pudessem compor os seguintes cartazes: Cartaz 1: Que escola temos? Cartaz 2: Que escola queremos? Em seguida, cada grupo poderia socializar as suas discussões e reflexões, colando as imagens/palavras nos cartazes afixados no centro da sala.

Com a finalização dos cartazes, foi proposta uma discussão sobre a participação de familiares no contexto da escola e suas implicações e, qual de fato o papel dos pais neste processo e como eles podem se articular para pensar uma escola que faça sentido para eles e seus filhos.

A partir disso começou uma discussão a partir de uma provocação minha de que os familiares são o problema do fracasso da escola. Primeiro a discussão centrou na culpa dos pais e dos alunos, depois outros elementos importantes para pensar a escola surgiram, ampliando a discussão anterior. O que possibilitou levantar outros fatores na avaliação dos problemas enfrentados pela escola: os professores muitas vezes não estão preparados para essa atividade, a importância de uma educação continuada; os alunos não são 'santos', mas, também, são desrespeitados e injustiçados pelos professores; Os familiares têm muito a contribuir, pois, conhecem muito dos problemas enfrentados pela comunidade e, poderiam contribuir com estes conhecimentos realizando uma troca de saberes com a escola. Neste momento, diante de várias questões colocadas sobre o papel e a participação dos familiares na escola uma mãe perguntou: "para quê isso tudo? Por que agora fazer essas perguntas que ninguém nunca fez?". Apresentei a proposta do projeto de intervenção falando das três demandas que a escola apontou e do objetivo das intervenções que era fomentar a participação e implicação dos diversos atores da escola nos diversos processos educacionais.

A sugestão de um dos familiares presentes foi da realização de um conselho de pais na escola que atuasse mobilizando e envolvendo outros familiares, os participantes desse grupo trouxeram que é preciso começar a participação, mesmo com um número pequeno, depois a participação vai crescendo e outros familiares se motivaram a se envolver e, como eles conheciam outros familiares e poderiam conversar a respeito e trazê-los para o grupo também, colocamos na roda o cuidado que devemos ter para não culpar os familiares que não participam, mas de entendermos um pouco melhor esse não envolvimento e construirmos estratégia para a implicação desses familiares.

Trouxeram a importância de todos se posicionarem e colocarem suas ideias na roda para a conversa. Dentro dessas, propostas colocamos a importância desses familiares participarem das avaliações e planejamentos das reuniões de pais, inclusive, como coordenadores da reunião, eles toparam a proposta.

Para ir fechando a reunião colocamos a ideia de um jornal enquanto a possibilidade de dar visibilidade às discussões promovidas pelos familiares no contexto

da escola, e de fazer chegar aos demais familiares, que por algum motivo não tem como comparecer a escola nos horários de reunião, informações importantes sobre a organização e funcionamento da escola. O jornal parece ter animado o grupo, e alguém disse: “vamos mostrar pra direção que fizemos algo”, citaram um vereador que elaborou um jornal da comunidade que gerava o conhecimento sobre o que estava acontecendo na comunidade e também formava uma solidariedade em torno de acontecimentos de pessoas que precisavam de auxílio. A ideia é que o jornal, para além de um canal de comunicação funcione como uma tarefa que agregue os familiares em torno dela e possa gerar a possibilidade de pensar o papel dos familiares dentro do contexto escolar.

Finalizamos o encontro trazendo a importância de fortalecermos este grupo já com algumas ações para que no próximo ano, com o início de uma nova gestão, possamos continuar as atividades, por isso seria importante nos encontrarmos uma vez por semana. Como todos concordaram, trazendo que mesmo que um não possa participar de uma reunião, ele virá na próxima e cada reunião começaria com um rápido relato do que foi a anterior. Marcamos para o dia 11/11/2015 às 18 horas, a pauta deste encontro vai ser: o planejamento da próxima reunião e a elaboração do jornal.

#### **10.1.1.6. Avaliação:**

Apesar da baixa presença em relação à expectativa pelo número de convites, a reunião foi extremamente positiva. As falas dos familiares foram consistentes, e houve um grande interesse em participar das ações propostas.

#### **10.1.2. SEGUNDA RODA DE CONVERSA**

##### **10.1.2.1. Ficha de planejamento/registro da oficina**

Encontro no: 2                      Data: 11 de novembro de 2014

Local (nome da escola e local da atividade): E M Senador Levindo Coelho, sala 15.

Duração do encontro - Previsto: 2h

Representante (s) da escola responsável (is): Lorena, Ana Cristina e Édila  
(Programa Família-Escola)

Numero de participantes - Previstos: 25                      Presentes: 13

Tema da oficina/ encontro: Jornal Comunidade Levindo



**10.1.2.2. Objetivo(s) do encontro/oficina:**

1. Confeção, por parte dos pais, da primeira tiragem do jornal Comunidade Levindo Coelho;
2. Estabelecer um canal permanente de comunicação escola e comunidade que saia do modelo de informante e informado, onde o que deseja informações interroga a sua fonte;
3. Promover o encontro da escola com os familiares a fim de se obter oportunidade de falseamento ou afirmação dos juízos provisórios – que a escola tem desses atores – por meio da experiência.
4. Transmitir aos pais o convite da escola para que se estabeleça outra forma de parceria família-escola que saia do modelo das reuniões meramente informativas.

**10.1.2.3. Atividades:**

Envio de bilhetes aos familiares que, na reunião anterior demonstraram interesse e disponibilidade em participar da Comissão de Pais;

Posicionamento de faixa na entrada da escola, para o dia do encontro, com os dizeres “Sala da Família”;

Recepção dos familiares com o lanche na cantina e espera para a chegada de demais;

Pequeno tour pela escola apresentando-a aos pais. Ao longo das salas e espaços na escola terão cartazes afixados com dizeres semelhantes a “Biblioteca e sala do Antônio, pai do João”;

Durante o tour deve ser conversado sobre o contraste do modelo do convite e a parceria que se pretende estabelecer com a família, chamando a atenção para os cartazes como um convite para que os pais se apropriem da escola;

Encerramento do tour na sala 15;

Livro de Registro para assinatura dos pais;

Exposição da proposta e ideia do Jornal e convite para o nome;

Haverá papéis Kraft para cada coluna do jornal, que já conterà algumas sugestões do que sejam essas: Opinião/Dúvidas, Atividades da Levindo, Política/Regimento escolar, Qual é Levindo? (entrevista Atores da escola); O que rola na Comunidade.

Roda de Conversa para preenchimento de ideias que devem ser desenvolvidas em cada coluna.

Convite para confecção do jornal de forma permanente em parceria com os filhos/alunos;

Convite para distribuição pelo aglomerado da 1ª tiragem do jornal

#### **10.1.2.4. Material necessário:**

Papel Kraft;

Caneta hidrocor;

Faixa na entrada da escola com os dizeres “Sala da Família”;

Cartazes de divulgação;

Pequenos “cartazes-guias” dos locais da escola;

Bilhetes de convocação para a reunião;

Máquina fotográfica

#### **10.1.2.5. Descrição da atividade**

1) Muitos pais relataram a necessidade de se colocar câmeras na escola de modo generalizado e contratar vigias – armados ou não – para todos os turnos, inclusive com a construção de uma guarita. Dessa forma, pensavam os mesmos que essa medida reduziria os equívocos para saber quem são os agentes causadores de vandalismo e bagunça e os inocentes, o que em decorrência embasaria a medida exata para a punição. Nessa lógica, pretende-se diminuir a violência e “melhorar” o ambiente escolar protegendo-o, segundo suas concepções do que é uma escola segura. Porém, foi debatida uma contraproposta, a qual tem como pressuposto que no lugar das câmeras fossem pensados grupos de convivência ou de conscientização entre a comunidade e a escola para se debater o problema da violência, do roubo e de outras ordens pertinentes ao contexto. Dessa forma, uma tentativa de aproximação entre pais, estudantes e professores seria empreendida, fazendo com que se conheçam mais. Sobre essa última proposição, permaneceram alguns dissensos. De um lado, um grupo de pais acatou à nova proposta, mas afirmavam que a escola ainda deveria se preocupar em localizar “réus e inocentes”, propondo ainda eliminar o efeito “dedo duro” na medida em que o próprio culpado seria localizado e poderia ser incentivado a se responsabilizar pelos seus atos. De outro, havia outro grupo de pais que pensava que com essa contrapartida uma saída para esse problema de eventuais “injustiças” quanto

à questão disciplinar aconteceria pelo diálogo entre os atores da escola, aqui representados e centralizados na relação professor-aluno. Nesse sentido, o diálogo que inicialmente se pautou apenas na lógica do vigiar e punir foi sendo questionado e relativizado através de questões como: “pensem, qual o lugar que vocês imaginam que tenham câmeras e vigias?”; “A situação de algum filho (a) de vocês fazer alguma bagunça e não se saber quem foi pode ocorrer na nossa própria casa. O que vocês fazem, colocam câmeras?” e por último a ideia de que “a escola tem uma forma de agir; já o presídio outra”. Além disso, relacionado com esse debate, foi levantada a proposta de formação de uma comissão de pais/professores/alunos para mediação de conflitos, sendo assim uma proposta de trabalho em equipe, o que foi denominado de “pais voluntários”. Como se pode ver, em se falando da escola, o tema da disciplina parece ser a única questão necessária a ser discutida. Quanto a isso, houve apenas uma das mães que entendia que as ações para a melhoria da escola poderiam passar por outros aspectos. Afirmando que essa questão da câmera era impossível, disse que deveria haver mobilização dos familiares em torno, por exemplo, da aquisição de novos computadores.

Alguns tensionamentos foram feitos em torno da noção da câmera como uma solução disciplinar. Eles foram importantes porque fez com que os participantes elaborassem melhor tal recurso, expondo os argumentos e visões sobre a escola que sustentavam aquela proposta. Os problemas da escola, portanto, são vistos através da exclusividade do tema da indisciplina. Para resolvê-la, não se pergunta sobre o contexto da escola, sobre as relações lá presentes, pois parece algo dado a noção de que estudantes são indisciplinados mesmo e a única proposta é, então policiar essa bagunça e vandalismo. Esses tensionamentos deram margem ainda para que outras soluções fossem propostas, como uma maior aproximação entre professores e alunos de maneira que se conhecessem melhor. Como dito, embora alguns pais acreditassem nessa proposta, outros pareciam se posicionar como se isso fosse mera ilusão e ingenuidade. Ao fim da reunião, a questão da câmera ainda permanecia forte, embora não mais aparentasse ser um consenso geral.

Uma das razões para essa discussão ter sido tão centralizada no recurso da filmagem talvez se relacione com o fato de ter se mencionado logo no início da reunião um dos mais recentes problemas que a escola passou, que foi o arrombamento pela janela da sala de Multimeios e o roubo do material que lá se encontrava.

2) Alguns participantes fizeram a proposta de “uma troca de papéis”, em que os filhos e pais ensinam os professores sobre o que é a escola, o que sentem etc.

3) Outra proposta que surgiu foi a ideia da “Escola dos pais”: construção de um espaço para realização de cursos profissionalizantes e oficinas de línguas nos finais de semana nas dependências da escola. Além disso, outros pais se manifestaram com a ideia da realização de cursos de manicure.

4) Ao final do encontro, fizemos aos familiares a proposta da confecção de um jornal a fim de que se pudesse fazer o registro das discussões conferindo evolução às mesmas. Falou-se ainda da importância da participação dos mesmos na confecção do jornal como forma de garantir que suas opiniões e vozes fossem preservadas na redação. Nesse momento, um grupo de nove pais se apresentou como voluntário, enfatizando, cada, a disponibilidade para tal projeto. A pauta desta reunião, que era a elaboração da 1ª edição do jornal, foi adiada para a próxima reunião, que acontecerá em 18/11/2014.

#### **10.1.2.6. Avaliação (com a escola): Não aconteceu.**

### **10.1.3. TERCEIRA RODA DE CONVERSA**

#### **10.1.3.1. Ficha de planejamento/registro da oficina**

Encontro no: 3                      Data: 18 de novembro de 2014

Local (nome da escola e local da atividade): E M Senador Levindo Coelho, sala 15.

Duração do encontro - Previsto: 2h

Representante da escola: Lorena

Numero de participantes - Previstos: 10                      Presentes: 10

Tema da oficina/ encontro: Jornal Comunidade Levindo

**10.1.3.2. Objetivo(s) do encontro/oficina:**

Confecção, por parte dos pais, da primeira tiragem do jornal Comunidade Levindo Coelho. Escolha do nome do jornal;

Estabelecer um canal permanente de comunicação escola e comunidade que saia do modelo de informante e informado, onde o que deseja informações interroga a sua fonte;

Transmitir aos pais o convite da escola para que se estabeleça outra forma de parceria família-escola que saia do modelo das reuniões meramente informativas;

Pensar em formas de distribuição do jornal.

**10.1.3.3. Atividades:**

- Envio de convites aos familiares que, na reunião anterior demonstraram interesse e disponibilidade em participar da Comissão de Pais;
- Recepção dos familiares com o lanche na cantina e espera para a chegada de demais;
- Exposição da proposta e ideia do Jornal e discussão para escolha do nome;
- Haverá papéis Kraft para cada coluna do jornal, que já conterá algumas sugestões do que sejam essas: Opinião/Dúvidas, Atividades da Levindo, Política/Regimento escolar, Qual é Levindo? (entrevista Atores da escola); O que rola na Comunidade;
- Roda de Conversa para preenchimento de ideias que devem ser desenvolvidas em cada coluna;
- Convite para confecção do jornal de forma permanente em parceria com os filhos/alunos;
- Reflexão sobre a forma da distribuição da 1ª tiragem do jornal. Foi sugerido que o jornal fosse confeccionado a tempo para ser distribuído na Festa da Família, evento que tem grande participação e prestígio da comunidade escolar e local, como uma forma de dar visibilidade ao processo de construção de um Grupo de Pais na escola.

#### 10.1.3.4. Descrição da atividade

Alguns pais trouxeram sugestões com temas que poderiam ser publicadas. Enquanto as ideias eram apresentadas, foi sendo feita uma discussão sobre quais poderiam ser as colunas fixas do jornal. Foram elas:

- **Memória do Aglomerado:** com entrevistas a moradores antigos, fotos de outras épocas, relatos de experiências. A ideia central desta coluna é a de ressaltar que nem sempre o Aglomerado foi da forma como é hoje, com a situação do tráfico e da violência, e de ressaltar o caráter e a idoneidade da grande maioria dos moradores, que vivem de forma digna e honesta. “Quero ver se alguém acorda e descobre que nós temos raízes” (fala de um dos presentes).
- **Acontece na Levindo:** com os relatos das atividades e projetos que vem sendo desenvolvidos na escola, com o registro de fotos e comentários dos professores e estudantes envolvidos.
- **Acontece na comunidade:** com dicas de atividades que acontecem na comunidade, como reuniões de grupos comunitários, apresentações artísticas, eventos, etc. Foi dado grande destaque, durante a Roda de Conversa, aos eventos e atividades relacionados à participação política dos moradores, como as reuniões sobre o Orçamento Participativo, encontros com a URBEL para discutir sobre o processo de ocupação e urbanização dos espaços, reuniões informativas sobre o Programa “Minha Casa, Minha Vida” e as atividades do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS Vila Marçola.
- **Editorial:** com a mensagem do Grupo de Pais para todas famílias, explicando os motivos do jornal e convocando para uma mobilização para a melhoria da escola.

Ao final do encontro, o grupo se dividiu em equipes/comissões para coletar dados e fazer as reportagens. Foi dada a sugestão de convidar a professora de Língua Portuguesa do 3º Ciclo para a próxima reunião, para atuar como ‘revisora’ das matérias. A data escolhida para o lançamento do jornal foi 29/11/2014, coincidindo com a Festa da Família. O grupo concordou em se reunir mais uma vez para selecionar as melhores matérias, compartilhar o resultado das ações e escrever coletivamente o editorial. Além disso, o grupo refletiu sobre a

importância de se criar/definir uma *identidade* para o grupo, com a criação de um nome e de uma marca/desenho que seja divulgada sempre que houver algum comunicado do grupo com as demais famílias.

## 11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É comum, no discurso dos profissionais que atuam na escola, a culpabilização das famílias pelo baixo desempenho dos estudantes. Segundo este discurso, o fato de as famílias serem “desestruturadas” é determinante para que crianças e jovens não aprendam. Este rótulo reflete as dificuldades enfrentadas pela escola no reconhecimento da diversidade, uma vez que, na expectativa de encontrar a família tradicional, com mãe, pai e filhos, todas as outras formas de composição familiar são desconsideradas, e viram foco e tema de preconceitos e julgamentos de valor. Por outro lado, ao falar do “desinteresse” das famílias pela vida escolar dos estudantes a escola transfere única e exclusivamente às famílias a responsabilidade deste acompanhamento. Ao refletir sobre a frequência e participação dos pais e responsáveis nas reuniões para entrega de resultados, por exemplo, vemos que esta não é uma via de mão única. Reuniões desconexas, sem uma pauta que leve em consideração os sujeitos que dela irão participar, em que apenas os pontos negativos dos alunos são ressaltados, muitas vezes de forma a expor e envergonhar família e estudantes, com mero repasse de informações de forma não reflexiva, são de fato desagregadoras, e afugentam as famílias. A proposta de intervenção descrita neste trabalho se estruturou a partir da perspectiva da universalização do direito de acesso e permanência na escola, buscando desenvolver ações e sensibilizar, mobilizar e articular os diversos atores/sujeitos na busca por caminhos que contribuam para a garantia do direito à educação e pela melhoria da qualidade de ensino. Propor encontros acolhedores, reflexivos, que valorizem a presença e a participação dos pais e responsáveis requereu refletir/agir sobre inclusão social; liberdade de expressão; respeito às diferenças; cidadania; atores sociais como sujeitos do processo de decisão; diálogo; relações de cooperação; a vivência e construção de novas formas de relacionamento interpessoal; trabalho coletivo; a mobilização e conscientização dos indivíduos envolvidos em relação à relevância de sua participação e, por isso, constituiu – e constitui - grande desafio na busca pela superação das lacunas que se colocam nesta intrincada relação família-escola.

As Rodas de Conversa foram extremamente positivas, com discussões e reflexões enriquecedoras. Conseguir elaborar e publicar um jornal feito à tantas mãos foi a culminância de um processo maravilhoso de aproximação entre a escola e as famílias, que demonstra, entre outras coisas, que há sim interesse e disponibilidade das famílias em dialogar e participar. Ainda que a representatividade tenha sido pequena, a participação dos familiares representou um grande passo na direção da gestão democrática que buscamos, uma vez que, na medida em que os participantes do grupo foram tomando conhecimento de fluxos e processos no interior da escola, foi também crescendo o interesse e a motivação para contribuir, cada um à sua maneira, com a gestão escolar. Na medida em que as relações foram sendo estabelecidas horizontalmente, de forma dialogada e sem hierarquias, considerando a todos como sujeitos das ações e não objetos de tomadas de decisões, compartilhando as responsabilidades, o processo coletivo buscado passou a acontecer de forma mais consistente. A partir desta experiência, tornou-se possível sonhar com uma inserção plena das famílias no conjunto da escola, mas isto implica em reconhecê-las como sujeitos que devem ter protagonismo na formulação de propostas pedagógicas e da gestão escolar, bem como na construção de uma nova cultura escolar, pautada nos processos democráticos que priorizem uma educação de qualidade que forme cidadãos críticos, conscientes, participativos e criativos. As Rodas de Conversa, ademais de todas as reflexões, possibilitaram um maior convívio e conhecimento desses sujeitos que fazem parte do (conturbado) cotidiano da escola, possibilitaram um novo olhar de ressignificação sobre o território da favela e os desafios enfrentados por seus moradores de superação de uma condição social historicamente subalternizada. E, claro, motivaram a pensar a educação pública para além do baixo aproveitamento, das precárias condições de trabalho, da ausência de perspectiva nos horizontes de alunos e professores. Porque a sociedade que eu quero para mim e para meus filhos, aquela pela qual eu trabalho e luto para construir nas minhas ações cotidianas, seja no trabalho ou na família, essa sociedade tem a ver com a democratização da educação e do acesso ao conhecimento técnico e científico; tem a ver com a abertura de espaços de participação popular, de diálogo, debate e promoção de cidadania; tem a ver com políticas afirmativas de promoção da igualdade racial, tem a ver com a inclusão social. Querer tudo isto, lutar por tudo isto não me torna incapaz da crítica e da cobrança, ou cega aos problemas e deficiências do modelo de governo, ou à corrupção - corruptos e corruptores! Ao contrário, esse desejo me responsabiliza, me implica no processo de construção e reconstrução contínuas dessa sociedade. Enquanto gestora de um escola



pública, vejo que este *querer* vem carregado de muitos desafios, em âmbitos e níveis diversos de complexidade, que tornam a busca pela emancipação e autonomia da escola trabalho árduo, minucioso, sem resultados imediatos ou a curto prazo. Mas estes desafios embelezam a jornada e, se é possível sonhar, acredito que é possível também construir e realizar.

Figura 1 – Frente do Jornal “A Voz da Levindo Coelho”

4 A VOZ DA LEVINDO COELHO Belo Horizonte, Dezembro de 2014

**GRUPO DE PAIS DA LEVINDO COELHO**  
Procure a direção e participe conosco

Dúvidas sobre a escola?  
Alguma sugestão?  
O que você quer de uma escola?  
Alguma crítica?  
O que dá pra fazer?  
Participa do nosso encontro!

**MUSSARELA COROZA**



**INGREDIENTES:**  
-Pão de forma sem casca  
-Queijo mussarela  
-Ovo  
-Farinha de trigo  
-Farinha de rosca

**MODO DE PREPARO:**  
Corte o pão em triângulo, faça um sanduíche com duas fatias de pão e o queijo mussarela. Em seguida, passe o sanduíche no ovo, na farinha de rosca e na farinha de trigo, depois frite o sanduíche.

Luciano Pazelli

**IMAGENS ANTIGAS DA VIDA NO AGLOMERADO DA SERRA**



Família de Dona Shamponilda, muitos anos atrás. O burrinho era do fotógrafo...



Ilustração de uma casa de lata, comum nos primeiros anos do Aglomerado da Serra

**ACONTECEU NO GRUPO DE PAIS**



MC BETINHO, o Humberto, autor da canção ao lado, é aluno da 8ª série da EMSLC.

**MÃE, POR FAVOR NÃO CHORE**

Foi bem naquele dia que eu desci para fazer um assado  
Eu estava armado com mais que coragem  
Rendi a funcionária da Loja  
"Passe tudo!"  
Agora um policial estava passando por ali  
Ele adonou umas viaturas  
e nós dentro fugiu  
Foi aí que começou a perseguição...  
Foi aí que o chapéu estava esquentando...  
Fizemos um círculo na estrada  
Nós tivemos que parar e descer do carro  
e trazer tro com a polícia. Não troco eu fui baleado!  
Com fé em Deus eu fui salvo  
meus dois companheiros foram baleados e morreram na hora  
naquele momento  
Me bateu um impedimento  
para ir pra casa não é visit  
Cai na vida bandida  
Quando eu fui perdoar, estava no fundo do poço  
Mas eu me arrependi  
Graças a Deus me repenhei  
Prometi para minha mãe: "Mãe, por favor não chore mais..."  
Mãe, por favor não chore mais...  
Eu prometo que vou mudar  
Jesus é meu amigo e vai me ajudar

Ano 1 - Nº 2 Belo Horizonte, Dezembro de 2014

# A VOZ DA LEVINDO COELHO

INFORMATIVO DA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR LEVINDO COELHO

**- O CAMPO, A LATA E O ÔNIBUS -  
A LEVINDO SOBRE O MORRO**

Todo mundo já deve ter notado...  
Mas todo mundo já deve ter visto também...  
Então, a Levindo resolveu subir a serra...  
... que a Levindo fica no pé do morro.  
... que os alunos da Levindo são aqueles que descem o morro.  
...Atrás de pistas sobre A MEMÓRIA DO AGLOMERADO

O grupo de pais da Levindo nos disse que haviam duas pessoas que podiam nos contar a história antiga do aglomerado:

**Seu Gelado**  
e Dona Shamponilda

**Dona Shamponilda contou de muita coisa mesmo...**

Das casas que eram feitas de lata de tinta...  
...Das mulheres que carregavam lata d'água na cabeça, antes de ter caixa d'água para as vilas do morro...  
... e de como ela ficou feliz com a chegada do ônibus, porque ela já estava cansada pra ficar subindo serra.

**Já o Seu Gelado, tava um tanto quanto saudosos...**

Ele nos contou que era bom de bola, podia ser profissional.  
Mas que hoje vê o lugar que jogava bola quando criança, que já não existe mais campo...  
Agora, tem um prédio no lugar, contruíram uma rua, passa ônibus... - tem tudo isso no campinho...  
A gente volta pra Levindo... mas a história CONTINUA...

**Escola Municipal Senador Levindo Coelho**

## Figura 2 – Verso do Jornal “A Voz da Levindo Coelho”

2 A VOZ DA LEVINDO COELHO

Belo Horizonte, Dezembro de 2014

Belo Horizonte, Dezembro de 2014

A VOZ DA LEVINDO COELHO 3

### Editorial - Por duas vozes

Por Vera Lucia - Grupo de Pais

**Alô Família!**  
Hoje temos voz na Escola, vocês sabiam disso? Estamos reunidos para melhorar a escola das nossas crianças, que tal você fazer parte da nossa turma? A sua voz é muito importante. Nos ajude a fazer a escola não só de amanhã, mas de hoje, só assim sabermos que o futuro de nossas crianças estará garantido. Venha! Nos Ajude!

COMPROMISSO  
LIMITE (O MEU)

COM DEUS

DEVER

CIDADANIA

SOLIDARIEDADE

VENCER O MEDO

OBRIGAÇÃO

Por Glória Severa - Grupo de Pais

Eu, mãe de aluno da Escola Levindo Coelho, participei de uma reunião que se chama Grupo de Pais. Tenho aprendido sobre direito, com limite e possibilidades, compromissos, dever, com a obrigação, vencer o medo, para dar valor aos nossos filhos, com ajuda de Deus, na prevenção HOJE pro futuro melhor. Isso tudo estou aprendendo no Grupo de Pais. Nada disso estava na minha cabeça e agora passou a estar, ser, estar, vencer.

### Levindo Coelho e LAÇO: construindo uma parceria



Alunos do projeto em parceria com a LAÇO. Ao lado, momento do lanche na ONG, no Parque das Mangabeiras. Abaixo, os alunos em oficina de artes.

A EMSLC e a Laço - ONG situada bem pertinho de nós, no Parque das Mangabeiras - vêm, há quase 5 anos, fortalecendo uma importante amizade!

Fundada pela psiquiatra do Centro de Saúde, Inês Julião, esta entidade sem fins lucrativos, tem entre seus objetivos, além do tratamento clínico convencional aos pacientes com sofrimento mental, a criação de "oportunidades de formação, capacitação e geração de renda, contribuindo para a construção do inter-relacionamento dos pacientes, familiares e comunidade, permitindo a inclusão social dessas pessoas a partir de suas próprias produções".

Atualmente são cinco turmas do 2º turno que, semanalmente, participam de atividades variadas na sede da ONG: oficinas de literatura e poesia, brincadeiras e artes plásticas. Além da participação das turmas, temos sete alunos em atendimento psicológico. Nosso muito obrigado a toda a equipe da LAÇO; às professoras da EMSLC, em especial as que se encontram no projeto em 2011: Beth, Cecília, Fátima, Ana Cristina e Patrícia - e a todos os alunos que têm tornado esta parceria possível!

### ACONTECE NA LEVINDO COELHO

#### Algumas contribuições do 2º turno

#### Projeto Nutrição Consciente



Alunos da Levindo Coelho, na horta da Escola.

Desde 2010, em parceria com a FUMEC, as crianças do 2º turno desenvolvem atividades de revitalização da horta de nossa escola. Em 2011 são três turmas de 1º ano do 1º ciclo envolvidas neste interessante projeto, cujo objetivo é, numa abordagem interdisciplinar, formar hábitos de uma alimentação saudável, estudar o crescimento das plantas e o respeito ao meio ambiente. Parabéns às turmas das professoras Maria Cristina, Gláucia, Altair e Daniela!

### A PAZ

A Paz é uma coisa  
Que nós devemos ter  
Não ficar reclamando  
O que temos que fazer

Por isso que eu falo  
Paz no coração  
Porque o mundo é cheio  
De desafio e paixão  
Porque as ondas do mar  
Levam meu amor  
Porque meu amor leva as ondas do mar

Porque a minha Paz  
Está sempre com você  
Que tem um braço  
Direito pra me defender

Por isso que eu falo  
Amigo é mais que um irmão  
Tem Paz no coração  
E alegria pra te dar

Por isso que eu falo  
O mundo dá muitas voltas  
Vamos rezar para os amigos que se foram  
Pra ter Paz no coração  
E muito amor, e muito amor  
E MUITO AMOR!

O mundo dá muitas voltas  
Vamos rezar para os amigos que já se foram  
Os dias vêm e os dias vão

Por Alana Lorraine, Bruno Rodrigues, Gustavo Luiz  
- Alunos da E.M.Senador Levindo Coelho

### RECONSTRUÇÃO

Por Doaa Célia - Grupo de Pais da E. M. Senador Levindo Coelho

Vem-me a cabeça um texto de um sábio que dizia: "dêem as crianças e eu mudo o mundo". Eu não iria tão longe, pois vivemos num mundo agressivo, onde a solidão e o abandono fazem parte das nossas vidas e as respostas se dar com a violência.

Estamos precisando de novos valores onde a afetividade faça parte do nosso dia-a-dia. Não o mundo de pais prepotentes de um lado ou crianças e adolescentes mimados e perdidos em suas novas experiências, nem sempre validas.

Vivemos e buscamos ser felizes, acima de tudo. Paz é o que pedimos. Para os mais pobres é um teto para morar, às vezes um prato de comida. Para outros é ter, objetos materiais, conforto, um carro... nunca é o ser.

Ser, é estar em crescimento, junto aqueles que amamos neste mundo tão belo. É compreender, ser afetivo junto a quem amamos. Educação, para mim, é quando se juntam pais, mestres, crianças e adolescentes num importante processo de ajuda mútua a caminho de uma plena cidadania. Respeito, disciplina e trabalho se traduzem também nas palavras: amor, crescimento e paz. Quem sabe poderemos reconstruir um mundo melhor, sem barreiras, sem distinção de raças, sem religiões a nos dividir, sem meados ou limites. Chegaremos aos direitos ilimitados de seres humanos puro. Como dizia John Lennon: "sonhadores, mas não os únicos".

1- Otto Von Bismarck, Chanceler alemão no século XIX.

### RECOMEÇAR

Sonhei com um mundo perfeito  
Sem dor, sem preconceito  
Irvejo ou humilhação

Chorei por não haver respostas  
A vida deu as costas  
Para a população  
Mas já é hora de tomar uma posição  
E acabar de vez com essa humilhação  
Chorar o choro que dura uma noite  
E fazer alegria ao amanhecer

Vamos radicalizar  
Esse é o tempo de mudar  
Nesse caso avançar  
Pois sem Paz não dá

Essa é a hora de acordar  
Esse é o tempo de engrajar  
Busque a Paz em tudo  
Vamos ela encontrar

Venha com a gente  
Tome uma posição  
Te dou a mão e você  
Se levanta desse chão  
Hoje acabou-se  
Pois a Paz vem nascendo dentro de você

Por:  
- Alunas da E.M. Senador  
Levindo Coelho  
Ana Luiza,  
Ana Carolina,  
Joyce Amorim,  
Lindomara,  
Tatiane Joyce

### HIPERTENSÃO E DIABETES

#### - GRUPO DO IZABELLA HENDRIX -

Convidamos toda comunidade a participar do grupo operativo de hipertensão e diabetes. Que acontece toda quarta feira, das 8:30 as 10:00h, na clínica escola do Izabela Hendrix. Neste grupo aprendemos a ter uma vida saudável e feliz mesmo com essas doenças. Participe conosco. (profª Enfª Lúyza M.Braga)



INSTITUIÇÃO DE REEDUCAÇÃO DA E.M. SENADOR LEVINDO COELHO

Figura 3 – Logomarca do Grupo de Pais



ASSOCIAÇÃO DE PAIS DA  
E.M. SENADOR LEVINDO COELHO

## 12. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. Violências nas Escolas: Versão Resumida. Brasília: UNESCO, 2003. SPÓSITO, M. P.. (2005). Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional. ABRAMO; H.W.; BRANCO, P.P.M.. (orgs). São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo.

BRASIL. (2004) Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília, Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

CASTRO, J.A.; AQUINO, L.. (2008). Juventude e políticas sociais no Brasil. Texto para discussão n° 1335. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.

CACCIAMALI, M.C.; BRAGA, T.. (2003). Política e ações para o combate ao trabalho infantil no Brasil. In: CHAHAD, J.P.Z.; CACCIAMALI, M.C.. Mercado de trabalho no Brasil: novas práticas trabalhistas, negociações coletivas e direitos fundamentais no trabalho. São Paulo: Ltr, pp. 395-423.